

Interrogativas-Wh: Periferia Esquerda e Fases*

Diana Travado Amaral

FLUL

Abstract

There is an increase of functional projections in the Left Periphery when we add interpretative values to a construction. The Left Periphery should be divided in different domains (phases) with a close relation with different Wh-questions' types: pure Wh-questions project CP1 and CP2 and the Wh-phrase stays in WhP; semi-pure Wh-questions project CP1, CP2 and CP3 (although CP3 need not be fully phonetically filled); non-pure Wh-questions project CP1, CP2 and CP3. A phase-based approach makes it possible to accommodate the syntax, the semantic and the prosody as the various subtypes of Wh-questions on a Split-CP perspective.

Keywords: Wh-questions, phases, interfaces, spell-out

Palavras-chave: interrogativas-Wh, fases, interfaces, spell-out

1. Interrogativas-Wh

As interrogativas-Wh representam proposições abertas que detêm o conjunto de todas as respostas possíveis. Este pode ser restringido através de métodos que variam inter-linguisticamente. A natureza sintáctico-semântica das interrogativas-Wh agrupa-as em subtipos com comportamentos semelhantes (como diferenças de ordem ou uso de partículas).

1.1. Divisão em Subtipos

Tanto Ambar (2000, 2001) como Obenauer (2004, 2006) subdividem as interrogativas-Wh em dois grandes grupos:

a) Ambar – interrogativas-Wh *puras* vs. interrogativas-Wh *não-puras* (com um *echo-flavor*);

b) Obenauer – interrogativas-Wh *standard* vs. interrogativas-Wh *non-standard*.

Para ambos os autores a distinção entre interrogativas-Wh com um verdadeiro carácter interrogativo (*puras e standard*) e as restantes é clara. Todavia, nenhuma destas

* Versões anteriores deste artigo foram apresentadas na conferência “Portuguese in Contact and in Contrast” (17-18 November 2008 – Gent University) e no workshop “La structure fine des types de phrases” (28-29 November 2008 – CNRS). Agradeço a todos os participantes pelos seus comentários.

divisões distingue as interrogativas-Wh eco das interrogativas-Wh *non-standard*. Estas são construções-Wh bastante distintas quer sintáctica (com uma posição estrutural do sintagma-Wh diferente) quer semântico-pragmaticamente (as interrogativas-Wh eco não deixam de ser um pedido para identificar a variável cujo valor o falante não detém, enquanto que as interrogativas-Wh não-puras nunca aparecem como pedidos de informação com o intuito de especificar o valor duma variável). Obenauer divide as interrogativas-Wh *non-standard* em três grupos¹: *surprise/disapproval (SDQs)*, *rethorical (RQs)* e *can't-find-the-value-for-x (CfvQs)*. Para o autor, nas CfvQs o falante não encontra um valor para a variável, nas RQs não pede uma informação e nas SDQs exprime a sua atitude em relação ao conteúdo proposicional. Isto implica que a escolha entre as interrogativas não é livre: o contexto pragmático² determina a estrutura sintáctica que lhes está subjacente.

Conjugando a divisão de Ambar e a de Obenauer, podemos chegar a uma tripartição das interrogativas-Wh em: i) interrogativas-Wh puras: aquelas em que o falante não conhece o valor da variável e pede que lho identifiquem; ii) interrogativas-Wh semi-puras: aquelas em que o falante já dispôs do valor da variável não o tendo presente no momento da enunciação, pedindo que lho identifiquem novamente (interrogativas-eco de Ambar e CfvQs de Obenauer); iii) interrogativas-Wh não-puras: aquelas em que o falante dispõe do valor da variável no momento da enunciação, não pedindo que lho identifiquem (RQs e SDQs de Obenauer).

Considero as CfvQs interrogativas-Wh semi-puras uma vez que se relacionam quer com as puras quer com as não-puras. Podem ser consideradas não-puras uma vez que o falante já deteve o conhecimento que procura. Mas, enquanto que nas SDQs e nas RQs a resposta não é pretendida, nestas é desejada.

¹ Segundo Obenauer (2004, 2006), as interrogativas-Wh não-puras: a) têm comportamentos semelhantes, com exceção do contraste RQs vs. restantes quanto à posição sujeito (ii); b) o sintagma-Wh ocorre em posição inicial, em contraste com as interrogativas-Wh puras (iv) exceptuando o caso da duplicação nas SDQs (iii); c) exibem ISV com adjacência entre o verbo e o sintagma-Wh e d) *che* não ocorre em posição inicial, sendo substituído por *cozza* (iii):

- (i) Ande l' à-tu catà? (Cfv)
- (ii) Cossa a-lo fat par tí? / Quando Mario à-lo magnà patate? (RQ)
- (iii) Chi à-tu invidá?! / Cossa inviti-to chi?! / *Che varde-tu?! / Cossa varde-tu (che)?! (SDQ)
- (iv) L' à-tu catà ande? (interrogativa-Wh pura)

² Esses contextos ainda não estão claramente descritos, mas duma forma intuitiva são: I) interrogativas-Wh puras: sabe que a Aurora leu um livro, mas não sabe que livro foi e pretende saber, perguntando: (v) Que livro a Aurora leu?; II) interrogativas-Wh semi-puras: a) *Wh-in-situ*: alguém acabou de lhe dar a informação de que os rapazes compraram livros mas, como não percebeu bem, pede que repitam, perguntando: (vi) Os rapazes compraram o quê?; b) CfvQs: interroga-se sobre o local onde deixou as chaves mas não se consegue lembrar, perguntando: (vii) Onde diabo pus eu as chaves?; III) interrogativas-Wh não-puras: a) RQs: não pretende que lhe dêem uma resposta, pois é obvio que ninguém gosta de pagar impostos: (viii) Quem gosta de pagar impostos?; b) SDQs: não sabe exactamente que quadro está o Luís a pintar, mas sabe que ele está a pintar um quadro de que não gosta, e pergunta (em tom de crítica, de desaprovação): (ix) Que quadro está o Luís (para ali) a pintar?; IV) exclamativa-Wh: sabe bem qual é o livro que a Aurora leu e considera-o um livro óptimo/péssimo, exclamando: (x) Que livro que a Aurora leu!

1.2. Periferia Esquerda

Rizzi (1997), Ambar (1996), Poletto (2000), Kayne e Pollock (2001), Munaro et alii (2001), Obenauer (2004), e.o. propuseram um sistema de CP em camadas³ que corresponde à Periferia Esquerda, representando a relação entre o conteúdo de TP e o discurso. Partindo desta hipótese, os autores propuseram projecções funcionais para esse domínio com o intuito de derivar ordens lineares e valores interpretativos diferentes, muitas delas com inúmeras projecções funcionais, possivelmente agrupáveis. Surge a questão: Quantas projecções funcionais necessitamos para derivar todas as interrogativas-Wh? Haverá um limite de operações disponíveis? Se admitirmos que todas as projecções funcionais possíveis co-existem, os diferentes traços serão acrescentados, resultando num acumular de traços e de sentidos pragmáticos distintos que tornariam o discurso ambíguo ou paradoxal (problema que deriva da ciclicidade).

Se a estrutura da Periferia Esquerda é constituída por um número limitado de projecções funcionais organizadas por propriedades discursivas, a natureza sintáctico-semântica das projecções funcionais a par com a natureza sintáctico-semântica das interrogativas-Wh deverá ser capaz de codificar numa forma não ambígua todos os subtipos de interrogativas-Wh. Com diferentes *landing sites* disponíveis, as diferentes interrogativas-Wh podem mover-se para projecções funcionais diferentes (recorrendo, ou não, a operações diferentes).

Ambar (2000), e. o., propõe o nó WhP, a projecção operacional para onde os sintagmas-Wh subiriam. Para a derivação das interrogativas-Wh *non-standard*, Obenauer propõe outras três projecções funcionais: *surprise/disapproval* (SDP) < *rethorical* (RP) < *can't-find-the-value-for-x* (CfvP).

Adoptando a proposta para a estrutura da Periferia Esquerda de Ambar (1996, 2001, 2008):

[XP [EvaluativeP [Eval' [AssertiveP [Ass' [XP [WhP [Wh' [FocusP [Foc' [XP [FinP,

que contém duas classes de projecções funcionais discursivas, relacionadas com duas noções pragmáticas: *common ground* (AssertiveP e EvaluativeP) e *universe of discourse*⁴ (TopP e FocP), considero que sempre que AssP é projectado, as estruturas apresentam um valor de factividade⁵ que codifica o conhecimento que o falante tem sobre o objecto sobre o qual predica. Assim, as CfvQs projectam AssP, tendo de ocorrer num contexto específico. As RQs projectam AssP, uma vez que se verifica uma

³ As vantagens do *Split-CP* são visíveis na derivação das interrogativas-Wh. Apesar dos complementadores e dos morfemas interrogativos não poderem co-ocorrer em PE (**Quem que chegou?*) – o *Filtro do COMP duplamente preenchido* manifesta-se, sugerindo que a projecção funcional à esquerda é a mesma – temos frases em que é preciso haver duas posições disponíveis, o que o *Split-CP* torna possível:

(xi) Que livro que ele leu!

(xii) Que dia que está hoje!

⁴ Estes termos foram inicialmente utilizados em Heim (1982) e Calabrese (1985).

⁵ Noção de factividade no sentido em que Grimshaw (1977), Obenauer (1994), Ambar (1996), e.o., a utilizaram.

asserção e também EvalP, visto também estar subentendida uma avaliação da proposição. As SDQs activam AssP (expressam a atitude do falante) e EvalP (apresentam uma avaliação (geralmente negativa)). As exclamativas-Wh aproximam-se das RQs e das SDQs activando AssP e EvalP⁶.

1.3. Spell-Out do sintagma-Wh

Existem interrogativas-Wh com movimento-Wh visível, apresentando o sintagma-Wh em posição inicial, e interrogativas-Wh com movimento-Wh não visível, apresentando o sintagma-Wh *in-situ*. Em ambos os casos podemos ter interrogativas-Wh puras ou semi-puras, mas nem sempre não-puras:

- (1) (Quando foi aos saldos), a Maria comprou o quê? (pura)
- (2) O João comprou que livro? (semi-pura)
- (3) Estás (para aí) a dizer o quê?
- (4)?/*Estás (para aí) a comer que bolo? (não-pura)

Alguns autores consideraram que, nos casos de Wh-in-situ, o sintagma-Wh se movia apenas em LF (Huang, 1982; Aoun e Li, 1993; e.o.). Vou considerar que o movimento-Wh existe sempre (como Âmbar, 2001; Kayne e Pollock, 1998; e.o.). Se os sintagmas-Wh se movem sempre para a mesma projecção operador (WhP), as interrogativas-Wh com Wh-inicial ou Wh-in-situ têm de ser licenciadas do mesmo modo. As frases com o operador-Wh na posição mais encaixada seriam o resultado do movimento posterior de toda a frase para uma posição mais alta (movimento do TP remanescente (Kayne, 1998; Pollock, 2001; Hinterhölzl, 2006) motivado pela necessidade de verificação de traços morfo-sintácticos ou por motivos discursivos⁷.

1.4. Elementos que propiciam uma leitura não-pura

A leitura 'não-pura' pode ser facilitada e/ou reforçada por vários elementos. A sua presença pode ser suficiente para provocar uma alteração na interpretação. Estes marcadores permitem-nos afirmar que a posição dos sintagmas-Wh das interrogativas-Wh semi-puras e não-puras é mais elevada, visto estas construções-Wh conterem elementos que seguramente se encontram em posições como FocP/AssP e que se encontram numa posição linear inferior à dos sintagmas-Wh.

Os deícticos têm um carácter anafórico: o falante sabe um pouco mais sobre a situação em que a interrogativa-Wh se insere, trazendo à construção um carácter assertivo e factivo. É esse elemento, linearmente inferior ao sintagma-Wh, que verifica o traço [+ass].

⁶ Note-se que pode sempre ocorrer um elemento topicalizado antes de qualquer uma das projecções funcionais mencionadas. XP (posição de tipo tópico) está disponível para ocorrer acima de qualquer estrutura.

⁷ As interrogativas-Wh eco com Wh-in-situ são semanticamente diferentes pois requerem um pressuposto forte: (xiii) [AssertiveP [O Pedro encontrou t_i]_k [Assertive' [XP [WhP quem_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP t_k]]]]]]]] (ex.(8) Ambar, 2000:20)

(5) Quem diz isso? (RQ)

(6) Para que fazes isto? (SDQ)

As expressões enfáticas propiciam a leitura não-pura inter-linguisticamente. Tomemos como exemplo: *diabo* (PE), *diable* (Fr), *ot chorte* (russo), *the hell* (inglês)⁸:

(7) Onde diabo vais tu com esta chuva?!

Diabo é mais frequente nas CfvQs, mas pode ocorrer noutros subtipos de interrogativas-Wh (exceptuando as puras). Em Russo, estas expressões ocorrem sempre em posição inicial:

(8) Ot chorte gde je ja polojil kljutchi? (CfvQ)

Diabo onde AC eu pus chaves

Em línguas como o PE e o francês, *diabo* também aparece em posição inicial:

(9) Onde diabo/raio pus eu as chaves?

(10) *Pus eu as chaves onde diabo/raio?

(11) Où diable as-tu trouvé cela/ça? (ex. (33)a. Obenauer, 1994:300)

(12) *Tu as trouvé ça où diable? (ex. (33)b. Obenauer, 1994:300)

Mas a posição inicial não é o único requerimento. Em PE e Fr., *diabo* não ocorre numa posição inicial absoluta como em russo e tem de acompanhar o sintagma-Wh:

(13) *Diabo/raio pus eu as chaves onde?

Apesar de *wh+diabo* não entrar na derivação como um constituinte (o sintagma-Wh é *external merged (EM)* na posição argumental e *internal merged (IM)* na Periferia Esquerda, enquanto que *diabo* é *merged* directamente (*EM*) na Periferia Esquerda), o marcador de interrogativas-Wh semi e não-puras (*diabo*) tem de estar no domínio mínimo do elemento-Wh interrogativo. Mas se admitirmos que *diabo* é EM comportando-se como um AC (*Alternative Checkers*) porque é que o sintagma-Wh sobe se o traço relevante já foi verificado? Em línguas do tipo do PE e do Fr., *diabo* parece comportar-se como um atrator lexical. Porém, *diabo* apenas atrai o sintagma-Wh quando *bare* (constituído apenas pelo elemento-Wh):

(14) *Que livro diabo leste?

(15) *Que diabo livro leste?

Apenas com a inserção de uma preposição, a presença de *diabo* torna-se gramatical com um sintagma-Wh *non bare* (constituído pelo elemento-Wh e um nome foneticamente realizado):

(16) Que diabo de livro leste?

sendo as restantes restrições idênticas às apresentadas para as interrogativas-Wh com um sintagma-Wh *bare*:

(17) ???Leste que diabo de livro?

(18) *Que leste diabo de livro?

(19) *Que diabo leste livro?

(20) *Diabo leste que livro?

Outra expressão produtiva em PE nas SDQs é ‘para aí’ (Ambar & Veloso, 2008):

(21) O que estás para aí a dizer?

⁸ Sobre a sintaxe de construções com *diabo*, ver Obenauer (1994), Huang e Ochi (2003), e. o..

Note-se que na terceira pessoa o seu equivalente é ‘para ali’, demonstrando que o carácter locativo que estes adjuntos contém permanece activo:

(22) Que livro está ele para ali a ler?!

Um complementador não pode co-ocorrer com *para ai/ali*, pois estar-se-iam a combinar características de duas construções distintas (as SDQs e as exclamativas-Wh):

(23) ??Que livro que ele está para ali a ler?!

(24) ??Que belo livro que ele está para ali a ler!

(25) ?Que livro ele está para ali a ler?! (sem ISV, típico das exclamativas-Wh)

Também T^o pode desambiguar os subtipos de interrogativas-Wh.

Nas CfvQs, o futuro (o modo *irrealis* no geral) torna-as mais aceitáveis. Em Pagotto, a diferença estrutural é suficiente para legitimar a interpretação de Cfv, mas com um tempo *irrealis* fica mais forte:

(26) Onde estarão/poderão estar as minhas chaves?

(27) a. Cossa à-lo fat? (int-Wh não-pura) (ex. (39) Obenauer, 2006)

b. Á-lo fat che? (int-Wh pura) (ex. (28) Obenauer, 2006)

(28) Cossa avará-lo fat? (int-Wh não-pura – CfvQ) (ex.(69) Obenauer, 2004)

Nas RQs, o presente concede um valor genérico e/ou universal, não especificado:

(29) Quem gosta de pagar impostos?

Nas SDQs, o valor iterativo/de continuidade (valor aspectual durativo) facilita a interpretação:

(30) O que andas tu a fazer?

Basic tense and also tense-like properties (e.g. irrealis) are determined by C (...) or by the selecting V (...) or perhaps even broader context. (Chomsky, 2005:11). Se o Split-CP é a interface entre a sintaxe e o discurso e se o discurso tem sempre evento⁹ e se o que dá realidade física aos eventos é o tempo, então espera-se que o domínio do Split-CP contenha pelo menos uma projecção funcional relacionada com o tempo (segundo Ámbar, 2000; 2001, o tempo está materializado na periferia esquerda como o traço T na cabeça de WhP).

A flexão em Pessoa e Número (Agr) também desempenha um papel crucial, admitindo a subida do verbo (seja T^o (movimento de uma cabeça) ou TP (movimento de um XP remanescente)). Há uma diferença entre a primeira, a segunda e a terceira pessoas verbais quanto à possibilidade de interpretar uma interrogativa-Wh como semi-pura ou não-pura. A primeira pessoa é a que mais facilmente permite a interpretação Cfv (*self-addressed* CfvQs):

(31) Que faço eu agora?

(32) Que posso eu dizer sobre isso?

Por outro lado existe um contraste entre a 2^a e a 3^a pessoas:

(33) O que estás tu a dizer? (SDQ)

(34) O que está ele a dizer? (pura)

Com a segunda pessoa, a leitura SD é a não-marcada, uma vez que o falante está numa situação de comunicação na qual tem acesso directo ao que o ouvinte disse. Com a

⁹ Assumindo Vendler (1967), os eventos exprimem a passagem de um estado para outro estado localizado num intervalo imediatamente posterior. O discurso é formado por descrições de estados de coisas dinâmicos localizados em determinados intervalos de tempo.

terceira pessoa, a leitura pura é a não-marcada, uma vez que o falante está numa situação de comunicação na qual, em princípio, não tem acesso directo ao que o terceiro interveniente disse (mas caso tenha tido, a interrogativa-Wh pode ser interpretada como SDQ).

1.5. External Merge (Alternative Checkers) vs. Internal Merge

Todas as línguas têm estratégias que permitem aos falantes produzir interrogativas-Wh, mas que diferem inter-linguisticamente. Existem três tipos de línguas: i) línguas que marcam as interrogativas-Wh não-puras com a inserção de material foneticamente realizado (ACs) para codificarem a interpretação não-pura como o Russo (*EM*); ii) línguas que marcam as interrogativas-Wh não-puras com uma ordem linear diferente das puras como os dialectos do Nordeste de Itália (*IM*); iii) línguas que recorrem à informação prosódica como o PE. Existem línguas que parecem ter mais do que uma possibilidade.

As línguas que marcam as interrogativas-Wh não-puras recorrendo à inserção de material foneticamente realizado (partículas com locais de ocorrência específicos) utilizam diferentes partículas com o intuito de obterem interpretações distintas, como o Russo:

(35) Gde je ja polojil kljutchi? (CfvQ)

Onde AC eu pus chaves

(36) Kto je ljubit platit nalogui? (RQ)

Quem AC gosta pagar impostos

(37) No i knigo kupil Vania?! (SDQ)

AC+que AC livro comprou João

Em todos os tipos de línguas, as operações de *merge* (do AC (*EM*) ou do sintagma-Wh (*IM*)) verificam os traços presentes nas projecções funcionais relacionados com as interrogativas-Wh não-puras. Os ACs verificam as projecções funcionais mais altas e assim os sintagmas-Wh podem permanecer numa posição mais baixa, licenciando o Wh-in-situ:

(38) a. Chi à-tu invidà?! (SDQ) (ex.(15) Obenauer, 2004)

b. Cossa inviti-to chi?! (SDQ) (ex.(7) Obenauer, 2008:3)

Com o sintagma-Wh bare *que* acontece necessariamente isto.

Existe, portanto, uma assimetria quanto à gramaticalidade entre construções com sintagmas-Wh bare (constituídos apenas pelo elemento-Wh) e com non-bare (constituídos pelo elemento-Wh e um nome) nas interrogativas-Wh-inicial não-puras: sintagmas-Wh non-bare são aceites e sintagmas-Wh bare são excluídos:

(39) a. *Que está o João para ali a ler?

b. Que livro está o João para ali a ler?

Ambar (1985, 1988) explora a estrutura interna do sintagma-Wh mostrando que o sintagma-Wh bare *que* é sintacticamente defectivo. *Que* não pode transportar traços logo não pode subir para verificar os traços das projecções funcionais mais altas. Ambar nota que apenas elementos-Wh [+r] podem verificar o traço assertivo. Assim sendo, o sintagma-Wh bare *que* nunca pode ocorrer nas interrogativas-Wh não-puras:

- (40) a. *Que disse ele? (CfvQ, RQ, SDQ e exclamativa-Wh)
 b. O que disse ele? (SDQ)
 c. O que ele disse! (excl-Wh)

Consequentemente, temos obrigatoriamente interrogativas-Wh-in-situ resultantes de movimento do TP remanescente sempre que o sintagma-Wh não contenha referência suficiente.

Obenauer nota que, em Pagotto, nas CfvQs, *che* é excluído e substituído por *cozza*:

(41) Á-lo fat che? (interrogativa-Wh pura) (ex. (28) Obenauer, 2006)

(42) Cossa à-lo fat? (interrogativa-Wh não-pura) (ex. (39) Obenauer, 2006)

Também em Pagotto, as interrogativas-Wh não puras cujo sintagma-Wh é *che*, só podem ocorrer com o AC *cozza* uma vez que *che* é muito deficiente:

(43) Cossa a-lo fat par ti? (RQ) (ex. (39) Obenauer, 2004)

(44) *Che a-lo fat par ti? (ex. (40)a. Obenauer, 2004)

(45) *A-lo fat che par ti? (ex. (40)b. Obenauer, 2004)

Em Bellunese, com outros sintagmas-Wh, *cozza* não pode ocorrer uma vez que o sintagma-Wh tem força suficiente para verificar o traço na projecção funcional mais alta:

(46) Chi à-tu invidà?! (SDQ) (ex. (15) Obenauer, 2004)

(47) *Cossa à-tu invidà chi?! (SDQ) (ex. (21) Obenauer, 2008:4)

Considerando que com *cozza* a interrogativa-Wh é sempre não-pura (Obenauer, 2004, 2006), admito que: (a) *che* não ocorre em posição inicial pelas razões observadas por Ambar para o seu equivalente em português – *que*; (b) *cozza* é *external merged* verificando traços nas projecções funcionais mais altas, não tendo acesso ao valor interrogativo codificado na projecção funcional mais baixa.

A par das estratégias sintácticas, as línguas podem utilizar estruturas prosódicas como meio de marcar valores interrogativos não-puros. Em línguas entoacionais, a componente prosódica é essencial e as variações são suficientes para legitimar interpretações distintas. Desse modo, a sua presença é obrigatória (quando nenhum outro marcador estiver presente)¹⁰. A influência prosódica nas produções sintácticas com valores semânticos e funções pragmáticas distintas sugere que o processo de produção do discurso não é exclusivo de um único módulo gramatical, suportando a ideia de que as produções vêm de componentes paralelas competindo na interface.

¹⁰ Nas interrogativas-Wh-in-situ, o movimento-Wh não é visível mas a curva entoacional funciona como uma pista para a percepção desses movimentos. Há dois padrões entoacionais para as interrogativas-Wh-in-situ, variantes de tipos de interrogativas-Wh distintos, cada um correspondendo a uma de duas leituras possíveis: i) se o sintagma-Wh contém um acento então a interrogativa-Wh é interpretada como pura ou semi-pura, seguindo o padrão das interrogativas-totais com uma subida final; ii) se o sintagma-Wh demonstra um padrão prosódico com uma curva descendente, segue o padrão não-marcado, típico das declarativas, demonstrando o carácter não verdadeiramente interrogativo destas construções-Wh. Com isto, temos evidência para defender a existência de interrogativas-Wh não-puras in-situ (não consideradas na literatura).

2. Fases

Speas & Tenny (2001), referindo as análises de Ambar (2001) e Cinque (1999), sugerem uma estrutura para a Periferia Esquerda baseada em noções pragmáticas, notando: *An interesting hypothesis to pursue would be that [...] the projections may be combined to form a syntactic “phase”* (Speas & Tenny, 2001:337).

Com esta ideia em mente, considero que a Periferia Esquerda se divide em três partes – a da informação relacionada com TP (CP1), a da informação nova (CP2) e a da informação pressuposta (CP3), originando três fases:

- CP1 – [XP [FinP [Fin' [TP [T'
- CP2 – [XP [WhP [Wh' [FocP [Foc'
- CP3 – [XP [EvaluativeP [Eval' [AssertiveP [Ass'

A informação prosódica do PE dá-nos evidência para a existência de fases distintas no domínio da Periferia Esquerda. Sempre que fechamos uma fase também fechamos um domínio prosódico, portanto, se uma fase é fechada, não pode sofrer mais alterações prosódicas originando diferentes padrões entoacionais para diferentes interrogativas-Wh (que projectam fases distintas). Considero que, nos casos de interrogativas-Wh semi/não-puras marcadas unicamente pela prosódia, existe um operador vazio que funciona como AC e que verifica o traço relevante, validando e fechando a fase para que esta possa ser transferida.

A divisão do domínio-CP (Periferia Esquerda) em fases vai ao encontro de duas ideias cruciais no Minimalismo:

i) Os domínios fásicos deverão ser o mais pequenos possível *to minimize computation after transfer and to capture as fully as possible the cyclic/compositional character of mapping to the interface* (Chomsky, 2005:21). No entanto, o tamanho interno das fases é determinado pelos traços não-interpretáveis presentes na construção (Chomsky, 1999). Se tivermos traços de tópico e/ou foco, certos elementos mover-se-ão para Periferia Esquerda aumentando assim o número de projecções funcionais nas fases¹¹.

(48) À Maria, quem ofereceu o bolo? (interrogativa-Wh pura)

(49) As chaves, onde diabo as pus? (interrogativa-Wh semi-pura)

(50) À Maria, que diabo de livro o João ofereceu? (interrogativa-Wh não-pura)

ii) *Phases are “propositional”* (Chomsky, 1999:12). As fases são determinadas por categorias funcionais que seleccionam categorias lexicais/substantivas: VP é seleccionado por vP e TP por CP. Como AssP é nominal (Ambar, 2000) é seleccionado por EvalP que é adjectival (Ambar, 1996) e FocP é seleccionado pela projecção funcional operador WhP.

Cada fase é constituída por uma cabeça (v*, Fin°, Wh° e Eval°) com os respectivos complementos: v*P < VP; CP1 (FinP) < TP; CP2 (WhP) < FocP, CP3 (EvalP) < AssP.

¹¹ Note-se que a Periferia Esquerda proposta por Ambar contém várias posições do tipo tópico (XP) que poderão ser projectadas. Essas projecções funcionais são externas às fases e não induzem *intervention effects*, nem violações da PIC.

Apenas as cabeças de fase desencadeiam operações (*IM should be driven only by phase heads* (Chomsky, 2006:9)), o que reforça a ideia da divisão do domínio-CP em fases.

Essas fases representam domínios com um conjunto de nós onde são verificados traços não interpretáveis dum mesmo tipo: v*P – domínio argumental; CP1 – domínio de Complementação/Tempo; CP2 – domínio discursivo; CP3 – domínio pragmático¹².

Existe uma divisão entre CP2 e CP3 nas interrogativas-Wh. CP2 é uma fase pois a estrutura pode terminar aí e obteríamos uma interrogativa-Wh pura possível. Na literatura, encontramos análises em que os sintagmas-Wh sobem para FocP (*The question operator ends up in the Spec of Foc in main questions, where it competes with a focalized constituent*. Rizzi, 1997:299), o que reforça a hipótese de CP2 ser o domínio de Foco e de Wh.

Quando essa fase é licenciada fica fechada e o seu interior (o complemento) torna-se opaco. Consequentemente, a extracção de elementos só ocorre da posição de *left edge* (especificador e cabeça). Passa-se para outro nível de representação (verificando, numa outra fase, os traços das interrogativas-Wh não-puras que são independentes dos anteriores).

Quanto a CP3, EvalP e AssP não existem separadamente. Não podemos avaliar algo que não seja previamente asserido, e quando o falante faz uma asserção, há sempre um carácter avaliativo (embora mais fraco) envolvido¹³.

Só temos um verdadeiro WhP numa interrogativa-Wh pura. Se se projecta CP3, temos obrigatoriamente uma interrogativa-Wh não-pura, uma vez que, quando projecta CP3, o falante tem mais informação/conhecimento sobre a variável-Wh, do que quando projecta CP2.

Segundo Chomsky *once the interpretation of small units is determined it will not be modified by later operations (unless that requirement is imposed by interface conditions)* (Chomsky, 2006:4). Desse modo, o carácter interrogativo de CP2 não se perderia com a projecção de CP3. No entanto, a interpretação das interrogativas-Wh não-puras é regulada pela interface semântica. Após verificados, os traços não-interpretáveis são eliminados (operações posteriores não o poderão fazer visto a estrutura tornar-se opaca devido à *Phase Impenetrability Condition* (PIC)), e CP3 não recupera a interpretação interrogativa de CP2 pois, ainda que os traços se mantenham activos na interface Conceptual-Intencional (Chomsky, 2001), são enfraquecidos após o *Transfer* da fase seguinte, que não teve acesso a esse valor.

¹² Ambas as fases CP2 e CP3 retratam a relação que os enunciados linguísticos mantêm com os seus contextos extra-linguísticos. No entanto, distinguem-se visto o primeiro domínio (o discursivo) estar mais relacionado com o common ground, com os falantes e com aquele discurso específico (com a dicotomia velho-novo), e o segundo domínio (o pragmático) relacionar-se essencialmente com o universo do discurso, com a realidade meta-linguística que envolve constantemente os falantes e que lhes tolda o pensamento influenciando todos os seus enunciados linguísticos.

¹³ Um revisor notou que podemos avaliar algo que está pressuposto não tendo nunca sido asserido. Isso é verdade mas não é problemático para esta análise visto ambas as propriedades activarem AssP. AssP relaciona-se com a factividade, uma propriedade semântica em que a verdade da proposição é pressuposta. A pressuposição retrata a informação assumida pelo falante como partilhada por si e pelo ouvinte (conhecimento mútuo) (ver Levinson, 1983). A asserção retrata o valor modal pelo qual o falante assume validar ou não validar uma relação predicativa (ver Culicoli, 1971). O que pretendo transmitir é que não podemos avaliar algo que não seja conhecido pelos falantes.

3. Movimento

3.1. XP-movement vs. Remnant-movement

Na literatura tem-se considerado que o movimento-Wh é motivado por um traço-Wh não-interpretável no sintagma-Wh¹⁴. Temos de considerar dois tipos de movimento na derivação das interrogativas-Wh: XP-movement (movimento de um XP) e Remnant-movement (movimento de um XP remanescente)¹⁵. Estes, a par com o Head-movement (movimento de uma cabeça) materializado na subida de V^o-T^o para Wh^o (Ambar, 2000; 2001), são os movimentos necessários na derivação de todos os tipos de interrogativas-Wh, mantendo uma estreita relação com os dois locais possíveis para o Spell-Out do sintagma-Wh: a) Wh-inicial resulta da aplicação de movimento-Wh para uma projecção funcional (WhP, AssP e/ou EvalP); b) Wh-in-situ resulta da aplicação de movimento do TP remanescente para uma projecção funcional (AssP e/ou EvalP):

	Wh-in-situ		Wh-inicial	
	Bare	Non-Bare	Bare	Non-Bare
Pura	?/ok	?/ok	Ok	Ok
Semi-Pura	Ok	Ok	Ok	Ok
Não-Pura	*//?(/ok)	*//?(/ok)	Ok	Ok
Exclamativa	*	*	*	Ok

} Movimento do TP Remanescente
} Movimento-Wh

Como se pode ver no quadro acima, em PE, com Wh-inicial, todos os tipos de interrogativas-Wh são gramaticais (é também o mais produtivo e o menos marcado em PE).

A escolha por um movimento em detrimento do outro numa determinada derivação recai essencialmente em aspectos semântico-pragmáticos: depende do escopo pretendido. *If an element Z enters into further computations, then some information about it is relevant to this option.* (Chomsky, 2006:6). Deste modo, temos movimento-Wh quando o elemento interrogado, asserido e/ou avaliado é o sintagma-Wh e temos movimento do TP remanescente quando o elemento interrogado, asserido e/ou avaliado

¹⁴ A verificação dos traços é *bottom up*: para verificarmos um traço numa posição mais alta, todos os traços das posições mais baixas têm de ter sido verificados, não se podendo voltar atrás para verificar traços mais baixos.

¹⁵ O Remnant-movement é um subtipo específico de XP-movement e portanto podemos considerar que apenas um tipo de movimento ocorre: movimento de um qualquer XP motivado por uma cabeça.

é o conteúdo proposicional. Esta diferença origina uma ligeira diferença na interpretação: no primeiro caso, a asserção/avaliação da interrogativa recai sobre a variável-Wh, no segundo, a asserção/avaliação da interrogativa recai sobre todo o conteúdo proposicional. O primeiro caso ou se trata de uma interrogativa-Wh pura ou, para se activarem AssP e EvalP, o falante tem necessariamente de deter algum conhecimento sobre a variável. Assim, só ocorrem interrogativas-Wh não-puras com sintagma-Wh-inicial quando o sintagma-Wh é [+r] (Ambar, 1985; 1988). As exclamativas-Wh não permitem Wh-in-situ uma vez que a variável está claramente identificada e portanto é necessariamente ela a ser avaliada e não toda a proposição. Por esta mesma razão, as interrogativas-Wh não-puras (RQs, SDQs) apenas apresentam Wh-in-situ em contextos marcados, uma vez que o sintagma-Wh tem um valor referencial muito elevado, que verifica os traços nas projecções funcionais mais altas. O Wh-in-situ é também pouco frequente nas interrogativas-Wh puras, uma vez que as interrogativas-Wh puras não veiculam valores discursivos que projectam projecções funcionais mais altas.

Ao contrário das interrogativas-Wh puras com Wh-in-situ, tanto as interrogativas-Wh semi-puras como as não-puras com Wh-in-situ são construções eco, que se deverão distinguir: nas CfvQ, a variável-Wh não está claramente identificada, contrariamente às SDQ:

(51) Combinei o jantar para que horas? (CfvQ)

(52) Estás a fazer o quê?! (SDQ)

Partindo da análise de Ambar, considero que existe movimento V^o-T^o-para-C^o (Wh^o) verificando o traço T em WhP nas interrogativas-Wh puras, movimento do TP remanescente ou do sintagma-Wh verificando o traço [+ass] em AssP nas interrogativas-Wh semi-puras e movimento do TP remanescente ou do sintagma-Wh verificando o traço [+eval] em EvalP nas interrogativas-Wh não-puras e nas exclamativas-Wh. Quando há dois potenciais *checkers* um ganha a competição satisfazendo a localidade. O *Attract Closest* obriga a que o elemento que foi anteriormente movido se continue a mover (se os seus traços continuarem activos):

(53) [EvalP O que_i [AssP t_i [WhP t_i [Wh^o comeu_j [TP o João t_j t_i]]]]]

(54) [EvalP TP[O João comeu <o que>_i]_k [AssP t_k [WhP t_i [TP t_k]]]]]

Portanto, em interrogativas-Wh com Wh-inicial puras, Wh^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Wh:

(55) [WhP O que_i [Wh^o comeu_j [TP o João t_j t_i]]]

Em interrogativas-Wh com Wh-inicial semi-puras, Wh^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Wh e Eval^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Ass:

(56) [EvalP ∅ [AssP Quem_i [WhP t_i [TP t_i gosta de pagar impostos]]]]]

Em interrogativas-Wh com Wh-inicial não-puras, Wh^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Wh, Eval^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Ass e Eval^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Eval:

(57) [EvalP O que_i [AssP t_i [WhP t_i [TP estás a fazer t_i]]]]]

Em interrogativas-Wh-in-situ puras, Wh^o desencadeia subida do sintagma-Wh para Spec,Wh e X^o (de tipo tópico) desencadeia movimento do TP remanescente para Spec,XP:

(58) [XP TP[O João comeu t_i]_k [WhP o que_i [TP t_k]]]]]

Em interrogativas-Wh-in-situ semi-puras, Wh^o desencadeia subida do TP

remanescente para Spec,Wh, X^o (de tipo tópico) desencadeia movimento do TP remanescente para Spec,XP e Eval^o desencadeia subida do TP remanescente para Spec,Ass:

(59) [EvalP \emptyset [AssP TP[O João comeu t_i]_k [XP TP t_k [WhP o que_i [TP t_k]]]]

Em interrogativas-Wh-in-situ não-puras, Wh^o desencadeia subida do TP remanescente para Spec,Wh, X^o (de tipo tópico) desencadeia movimento do TP remanescente para Spec,XP, Eval^o desencadeia subida do TP remanescente para Spec,Ass e Eval^o desencadeia subida do TP remanescente para Spec,Eval:

(60) [EvalP TP [Estás a comer t_i]_k [AssP t_k [XP TP t_k [WhP o que_i [TP t_k]]]]

Os exemplos (56) e (59) mostram que as interrogativas-Wh semi-puras contêm uma fase defectiva em que não há um *probe* com um *Edge Feature* (EPP)¹⁶ em EvalP.

Nas interrogativas-Wh-in-situ, há topicalização do TP remanescente para uma posição acima do *Left Edge* de CP1. De outro modo, a derivação com Wh-in-situ seria excluída pela PIC.

3.2. Remnant-movement vs. Head-movement

Nas interrogativas-Wh, há uma relação entre a inversão sujeito-verbo (ISV) e a posição e/ou tipo de sintagma-Wh (Ambar, 2001).

- (61) a. *Que o Pedro comprou?
b. Que comprou o Pedro?
c. Que livro o Pedro comprou?

Em Francês, o sintagma-Wh bare *que* não ocorre in-situ (Pollock, 2001), tal como em PE:

- (62) a. O Pedro comprou o quê?
b. *O Pedro comprou quê?
(63) a. Tu vas où?
b. *Jean a achete que? (ex. (1) Pollock, 2001:252)

Contrariamente, em Bellunese, o sintagma-Wh bare ocorre sempre em posição final¹⁷:

- (64) a. A-tu magnà che?
b. *Che a-tu magnà? (ex. (2) Pollock, 2001:252)

Também Pollock nota que *que* e *che* são morfológica e sintacticamente defectivos. Assim, espera-se que o seu comportamento seja semelhante. Com este argumento, Pollock demonstra que, apesar de os exemplos (63) e (64) serem superficialmente muito distintos, a sua derivação deverá ser até certo ponto idêntica.

Os exemplos (61)b. e (64)a. apresentam obrigatoriamente ISV, no entanto os exemplos com o sintagma-Wh-in-situ (65) e (66a.) não o permitem:

- (65) *Vas-tu où? (ex.(3) Pollock, 2001:252)
(66) a. *Vais tu onde¹⁸?

¹⁶ Ver Chomsky (1999, 2005, 2006).

¹⁷ Exceptuando os casos onde a construção-Wh contém uma interpretação *non-standard* (semi/não-pura).

¹⁸ Um revisor comentou que “esta frase é possível com foco sobre o pronome, com o seguinte significado: És tu que vais onde?” classificando-a como uma possível interrogativa-Wh não-pura. Mesmo como foco, o exemplo

b. Tu vais onde?

Se a derivação destas construções se fizesse através de movimento do verbo, então esperar-se-ia que (65) e (66)a. fossem gramaticais. Numa perspectiva *bottom-up*, após o movimento do verbo para Wh°, se não ocorrer movimento-Wh para Spec,Wh, a derivação gera agramaticalidade pois os traços N em WhP ficariam por verificar. Com a subida do sintagma-Wh, a agramaticalidade de (65) e (66)a. persiste, pois não é possível haver um movimento do TP remanescente (a ordem visível não é a ordem interna a TP), o movimento do verbo violaria a *Head Movement Constraint* (Travis, 1984; Baker 1988), e o sintagma-Wh funcionaria como um *intervener* por estar mais perto da projecção funcional mais alta (AssP).

Quando o XP preposto contém um verbo finito, o XP corresponderá a todo o TP¹⁹:

(67) a. XP [AssertiveP [Assertive' [XP [WhP quem_i [Wh'[FocusP t_i [Focus' [XP [IP o Pedro encontrou t_i]]]]]]]]]

b. XP [AssertiveP [O Pedro encontrou t_i]_k [Assertive' [XP [WhP quem_i [Wh'[FocusP t_i [Focus' [XP [IP t_k]]]]]]]]] (ex.(13) Ambar, 2001:217)

Segundo Ambar e Pollock (1998, 2002), quando há ISV em interrogativas-Wh-in-situ, o sujeito (tópico pós-verbal) foi previamente extraído de TP para TopP²⁰:

(68) XP [AssertiveP [O Pedro ofereceu t_i t_m]_k [Assertive' [XP [WhP o quê_i [Wh'[FocusP t_i [Focus' [TopP à Ana_m [TopP [IP t_k]]]]]]]]]

Os autores apresentam outros argumentos para a existência de movimento do sujeito: a anti-definitude e a impossibilidade de ocorrência de um clítico em TopP:

(69) ?*Quel article critiquera quelqu'un? (ex. (20) Pollock, 2001:259)

(70) a. Que cartaz colou na parede o Pedro?

b. *Que cartaz colou na parede alguém? (ex. (31) Ambar e Pollock, 2002:130)

(71) a. Qu'a mangé Jean?

b. *Qu'a mangé il? (ex. (23) Pollock, 2001:260)

(72) *Onde tinha posto os quadros ele? (ex. (46) Ambar e Pollock, 2002:134)

A posição do clítico demonstra também a necessidade da existência de movimento do verbo e de movimento do TP remanescente para derivar as interrogativas-Wh em PE:

(73) a. Que livro lhe ofereceste?

b. *Que livro ofereceste-lhe?

(74) a. *O João lhe ofereceu o quê?

b. O João ofereceu-lhe o quê?

(73) não pode derivar de movimento do TP remanescente, mas sim de movimento do verbo com incorporação do clítico (Ambar, 2001). Em (74), o movimento do TP remanescente é possível e o clítico permanece na sua posição interna a TP.

Também os exemplos (75) e (76) mostram a necessidade de movimento do verbo:

(75) a. Tem o João falado sobre isso?

não deveria ser possível tendo em conta a análise apresentada, pois FocP está abaixo de WhP e no exemplo o pronome está acima do sintagma-Wh. Para derivar esta estrutura, precisaríamos de considerar que o pronome sobe juntamente com o verbo depois de passar por FocP (o que levanta outras questões). Se a construção é não-pura, então o pronome e o verbo iriam para AssP e EvalP, o que provocaria uma violação da PIC.

¹⁹ Segundo Pollock (1989), em Francês, os verbos finitos e auxiliares estão no X° mais alto do domínio IP.

²⁰ Como o movimento de X' não é possível, o sujeito tem de ser extraído para que XP se possa mover.

- b. Tem ele falado sobre isso?
 (76) a. ??Tem falado o João sobre isso?
 b. ??Tem falado sobre isso o João?
 c. *Tem falado sobre isso ele?

A agramaticalidade de (76)c. mostra que o sujeito não está em TopP.

A não adjacência entre o auxiliar e o verbo principal (em (75)) mostra que a ordem interna a TP não foi mantida, apontando para uma derivação por movimento do verbo²¹.

Se ocorresse generalizadamente movimento do TP remanescente (como proposto para o Francês (Pollock, Kayne, e.o.), esperaríamos que o verbo não tivesse de ocorrer adjacente ao sintagma-Wh, o que, regra geral, se verifica: não podem existir elementos intervenientes. Por exemplo, não pode haver um sujeito em posição pré-verbal (mantendo-se a ordem canónica através de movimento do TP remanescente) numa interrogativa-Wh de objecto:

- (77) *O que o João comeu?

No entanto, em certos contextos, um adjunto pode ocorrer entre o sintagma-Wh e o verbo:

- (78) Quem efectivamente comprou o livro?

Se a ISV decorre de movimento V^o-T^o para Wh^o então ou o sintagma-Wh não está em WhP ou o verbo não sobe para WhP. Em (78), o sintagma-Wh e o verbo não podem estar na mesma projecção funcional porque não se encontram adjacentes. Mesmo se se considerar múltiplos especificadores²² (o que seria aceitável tendo em conta as especificidades do elemento movido para Wh^o, que contém V e T (com propriedades das duas posições, cada uma com os seus possíveis especificadores)), essa posição nunca poderia ser preenchida por um adjunto (que não funciona como spec,VP ou spec,TP). Isto levar-nos-ia a esperar a agramaticalidade de (78).

- (79) ? O que comprou o João efectivamente?
 (80) a. O que efectivamente comprou o João?
 b. *O que efectivamente o João comprou?
 (81) a. O que comprou efectivamente o João?
 b. *O que o João efectivamente comprou?
 c. ??O que o João comprou efectivamente?

- (82) Quem inteligentemente deixou a luz acesa sem ninguém no quarto?

Os restritos contextos de ocorrência destas construções podem responder a esta questão. Em (81)a., há movimento de T^o-C^o, mas em (81)b. não ocorre subida do verbo, tornando-se agramatical. O exemplo (81)c. apenas é gramatical com a interpretação de interrogativa-eco. Em (80)a. há também subida de T^o-C^o (compare-se com a agramaticalidade de (80)b.) e a não adjacência do sintagma-Wh e do verbo decorre do movimento posterior do sintagma-Wh para AssP (as interrogativas que permitem constituintes entre o sintagma-Wh e o verbo recebem geralmente uma interpretação

²¹ Cf. exemplos (75) e (76) com exemplo (xiv), apontado por um revisor, que também corrobora esta ideia:

(xiv) Ultimamente tem o João falado sobre isso, porque a Maria não tem podido.

²² Ver Chomsky (2005).

semi/não-pura, que origina movimento do sintagma-Wh para uma projecção funcional mais alta permitindo a interpolação). Frases do tipo de (78), (80)a. e (82) mostram que estes exemplos não são interrogativas-Wh puras do ponto de vista interpretativo. Estamos perante SDQs ou RQs como (82) e eco-Qs como em (80)a.

4. Fases em contextos subordinados

Tem sido referido na literatura que as orações subordinadas podem apresentar a estrutura da Periferia Esquerda ou totalmente projectada ou truncada (Rizzi, 1996; Munaro et al., 2001; Haegeman, 2006; e.o.)²³. Se postularmos que o domínio de CP (adoptando o Split-CP) se divide em partes distintas, não existe a necessidade de postularmos casos em que a Periferia Esquerda está truncada. Assim, admito que a diferença entre os dois tipos de construção observadas na literatura reside na projecção de apenas uma, duas ou três fases na Periferia Esquerda.

Existe uma assimetria entre interrogativas-Wh encaixadas sob verbos assertivos e não-assertivos:

- (83) a. Eu sei o que comeste.
- b. * Eu sei comeste o quê.
- c. Eu sei o que diabo comeste.
- (84) d. Eu imagino o que comeste.
- e. * Eu imagino comeste o quê.
- f. ?/# Eu imagino o que diabo comeste.

Admitindo a estrutura apresentada na secção 2, podemos concluir que: i) predicados assertivos podem conter encaixadas que projectem quer CP1 e CP2 (cf. ex. (83)a.) quer CP1, CP2 e CP3 (cf. ex. (83)c.); ii) predicados não-assertivos apenas podem conter encaixadas que projectem CP1 e CP2 (cf. ex. (84)d. vs. (84)f.). A razão pela qual os predicados não-assertivos não podem subordinar CP2 deve-se ao carácter assertivo de CP2 vs. não-assertivo desse predicado. No entanto, os exemplos de interrogativas-Wh semi-puras com Wh-in-situ (cf. exs. (83)b. e (84)e.) são problemáticos. Tendo em conta a análise anterior, espera-se que: i) interrogativas-Wh com sintagma-Wh inicial devam ser encaixadas por predicados matriz assertivos e não-assertivos, enquanto que ii) interrogativas-Wh com Wh-in-situ devam ser subordinadas a predicados matriz assertivos mas não a não-assertivos. Como explicar a assimetria entre a possível realização fonética da posição mais alta (Wh-inicial) mas nunca da posição mais baixa (Wh-in-situ)? Se um predicado α pode encaixar uma estrutura do tamanho XP (< YP), também pode encaixar YP, levando-nos a esperar que, se EvalP pode ser projectado em orações subordinadas (cf. ex. (83)c.) então também AssP pode (e tem de) ser projectado. Porém, os exemplos em b) e em e) não são possíveis em PE (enquanto que os exs. em c) e f) são), portanto a predição em ii) não se verifica.

²³ ([French and Lombard dialects] can make use of two different CP fields in interrogative sentences. The truncated one is probably close to a declarative CP as it lacks both GroundP and ForceP. (Munaro, Poletto & Pollock, 2001:178, fn:25). Problema: se não têm Ground/Force, como dar conta da interpretação interrogativa?

Ambar (2001) considera que, nas encaixadas, AssP é seleccionado pelo verbo matriz. Partindo da ideia de que o verbo matriz verifica o traço [+ass], é possível explicar a não existência de encaixadas com Wh-in-situ, uma vez que não há necessidade de se efectuar movimento pois o verbo matriz já validou o traço relevante. Se o verbo matriz tem a capacidade de verificar traços, então esperar-se-á que os verbos avaliativos possam verificar o traço [+eval] e que não possamos ter construções com EvalP preenchido foneticamente, o que, efectivamente, se verifica²⁴(cf. com exs. c)):

(85) * Eu censuro o que diabo comeste.

(86) * Eu critico que diabo de livro ela leu.

Deste modo, os verbos matriz desempenham um papel importante na determinação da Periferia Esquerda da oração encaixada, uma vez poderem verificar o traço da projecção funcional mais alta requerida discursivamente, não sendo necessárias operações adicionais para validar a estrutura.

Conclusão

Uma construção pode conter duas fases (declarativas finitas): v*P < CP1; três (interrogativas-Wh puras): v*P < CP1 < CP2; ou quatro (interrogativas-Wh semi e não-puras): v*P < CP1 < CP2 < CP3, o que reforça a ideia de que a estrutura é modular e a interpretação composicional.

A sintaxe e as interfaces interagem ciclicamente através das fases projectadas: com o *spell-out*, existe uma unificação dos ciclos fonológicos e sintácticos, e a codificação semântica das projecções funcionais nesses ciclos relaciona cada ciclo sintáctico a um ciclo semântico.

Referências

- Ambar, M. (1985) Sobre a Estrutura dos Constituintes Interrogativos. *Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 247-262.
- Ambar, M. (1988) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa [Publicação: Colibri, Lisboa, 1992.]
- Ambar, M. (1996) Aspects of Focus in Portuguese. In L. Tuller & G. Rebuschi (eds.) *The Grammar of Focus*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999, pp. 23-53.
- Ambar, M. (2000) Wh-questions and Wh-exclamatives – unifying mirror effects. In Beyssade, Bok-Bennema, Drijkoningen & Monachesi (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2000* Amsterdam /USA: John Benjamins, 2002, pp. 15-40.
- Ambar, M. (2001) Wh-Asymmetries. In Anna-Maria Di Sciullo (ed.) *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2003, pp. 209-250.
- Ambar, M. & J.Y. Pollock (1998) Topic vs. Comment in some Subject Inversion

²⁴ Mas existem contextos em que podemos realizar o sintagma-Wh-in-situ em orações encaixadas, como nos casos em que o verbo matriz é do tipo “bridge”: (xv) *Pensas que ela comprou que livro?*

- Sentences in French and Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), Lisboa: Colibri, 2002, pp. 119-138.
- Ambar, M. & R. Veloso (2008) Clause type, left periphery, and complementizers. Talk presented at the workshop *La structure fine des types de phrase*. Paris.
- Aoun, Joseph & Audrey Li (1993) *Syntax of scope*. MIT Press.
- Baker, M. (1988) *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Calabrese, A. (1985) *Focus and Logical Structures in Italian*. Ms. MIT.
- Cinque, G. (1999) *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. OUP.
- Chomsky, N. (1999) Derivation by Phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics* 18. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics.
- Chomsky, N. (2005) *On phases*. Ms. MIT.
- Chomsky, N. (2006) *Approaching UG from Below*. Ms. MIT.
- Culioli, A. (1971) *Rubriques de Linguistique de l'Encyclopédie Alpha*. Paris: Grange Batelière.
- Grimshaw, J. (1977) *English Wh-constructions and the theory of grammar*. Dissertação de Doutorado, University of Massachusetts.
- Haegeman, L. (2006) Argument fronting in English, Romance CLLD, and the left periphery. In Zanuttini et al. (eds.) *Negation, tense and clausal architecture: Cross-linguistic investigations*. Georgetown University Press, pp. 27-52.
- Heim, I. (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Dissertação de Doutorado, University of Massachusetts.
- Hinterhölzl, R. (2006) *Scrambling, Remnant Movement, and Restructuring in West Germanic*. OUP.
- Huang, C.-T. J. (1982) *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Doctoral dissertation, MIT.
- Kayne, R.S. (1998) Overt vs Covert Movement. *Syntax* 1.2, pp. 128-191.
- Kayne, R. & J.-Y. Pollock (2001) New thoughts on Stylistic Inversion. In A. Hulk & J.-Y. Pollock (eds.), *Subject Positions in Romance and The Theory of Universal Grammar*. New York and Oxford, Oxford University Press, pp. 107-162.
- Levinson, S. C. (1983) *Pragmatics*. Cambridge: C.U.P.
- Munaro, N., C. Poletto & J.-Y. Pollock (2001) Eppur si muove! On Comparing French and Bellunese Wh-Movement. In Rorrick & Pica (eds.) *Linguistic Variation Yearbook*, John Benjamins, pp. 147-180.
- Obenauer, H.-G. (1994) *Aspects de la Syntaxe A-barre*. Tese de Doutorado, Universidade Paris VIII.
- Obenauer, H.-G. (2004) Nonstandard Wh-questions and alternative checkers in Pagotto. In H. Lohnstein & S. Trissler (eds.) *Syntax and Semantics of the Left Periphery, Interface Explorations*. 9. Berlin/New York: Mouton, pp. 343-383.
- Obenauer, H.-G. (2006) Special Interrogatives – Left Periphery, Wh-Doubling, and (Apparently) Optional Elements. In J. Doetjes & P. Gonzalves (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. John Benjamins, pp. 247-273.
- Obenauer, Hans-Georg (2008) Special interrogatives – microvariation and the left periphery. *XVIII Colóquio de Gramática Generativa*. Lisboa.

- Poletto, C. (2000) *The higher functional field: evidence from Northern Italian dialects*. Oxford. New York: Oxford University Press.
- Poletto C. & J.-Y. Pollock (2004) On the Left Periphery of some Romance Wh-questions. In L. Rizzi (ed.) *The structure of CP and IP*, Oxford U. Press, pp. 251-296.
- Pollock, J.-Y. (1989) Verb-movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: pp. 365-424.
- Pollock, J.-Y. (2001) Three Arguments for Remnant IP Movement in Romance. In Di Sciullo (ed.) *Asymmetry in Grammar*. John Benjamins, pp. 251-277.
- Rizzi, L. (1997) The fine structure of left periphery. In L. Haegeman (ed.) *Elements of grammar: Handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, pp. 281-337.
- Speas, P. & C. Tenny (2001) Configurational properties of point of view roles. In Di Sciullo (ed.) *Asymmetry in Grammar*, John Benjamins, 2003, pp. 315-344.
- Travis, L. 1984. *Parameters and effects of word order variation*. PhD dissertation, MIT.
- Vendler, Z. (1967) Facts and Events. In Vendler *Linguistics in Philosophy*. Ithaca NY: Cornell UP.